

PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS FRIGORÍFICOS QUE ABATEM BOVINOS RASTREADOS

Glauber dos Santos
 Fabiana Alves Demeu²
 Lucio Violin Junqueira³
 Marcos Aurélio Lopes

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivos realizar o levantamento das principais dificuldades encontradas pelos frigoríficos que abatem bovinos rastreados. Elaborou-se um questionário qualitativo semi-estruturado contendo 16 questões, sendo 14 de múltipla escolha e uma aberta, o qual foi enviado aos 15 frigoríficos que exportam carne bovina rastreada. Destes, 27% responderam o questionário. As principais dificuldades encontradas pelos frigoríficos foram: a burocracia que envolve o SISBOV e a incorreta rastreabilidade que vem ocorrendo no país e como vantagens eles apontam a garantia de mercado e a exigência do consumidor.

PALAVRAS-CHAVE: identificação, segurança alimentar, SISBOV, rastreabilidade.

ABSTRACT

This research work was intended to perform the survey of the chief difficulties found by the slaughterhouses which slaughter tracked cattle. A qualitative semi-structured questionnaire containing 16 questions, 14 of them being of multiple-choice and one open, which was sent to the slaughterhouses export tracked beef. Out of these, 27% answered the questionnaire. The main difficulties found by the slaughterhouses were: the bureaucracy which involves SISBOV and the incorrect track ability which has been occurring in the country and as advantages they point to the market warrant and consumer demand.

KEY -WORDS: food safety, identification, sisbov, traceability.

1 INTRODUÇÃO

No mundo atual além de estar atento as mudanças tecnológicas, a questão do seguimento da produção ganha atenção secundária e torna-se obrigatório considerar a cadeia produtiva como um todo. O consumidor passa a ter conhecimento da origem do alimento que ele vai consumir, sendo necessário ainda, no conceito de rastreabilidade, segundo Baptista (2003), atestar a qualidade do produto final através da certificação da qualidade do processo produtivo, envolvendo todas as etapas.

A palavra rastreabilidade não consta ainda em nosso dicionário, mas indica a possibilidade de seguir os passos de alguma coisa, no caso, o histórico do animal desde o nascimento ou aquisição até o momento do seu consumo ou de uma de suas partes (REZENDE e LOPES, 2004). Rastreabilidade é um sistema de controle de animais que permite sua identificação individual desde o nascimento até o abate, registrando todas as ocorrências relevantes ao longo de sua vida (SISTEMA..., 2002). De acordo com SCHAEFFER e CAUGANT (1998) o conceito de rastreabilidade envolve a recomposição da história do produto alimentício. Pode, assim, ser útil estabelecer: a origem exata de uma produção dos animais domésticos ou do vegetal, com os vários fatores que incorporam seu desenvolvimento; o histórico dos processos aplicados ao produto; a distribuição e a localização do produto acabado.

O processo de rastreabilidade envolve o acompanhamento e o rastreamento e requer a rotulagem da carne com um número de referência, que

liga uma unidade de produto individual do ponto de venda ao animal, ou lote, do qual ela se originou e, obrigatoriamente, ao histórico de alimentação e saúde individual. Para que isto seja possível, a carcaça e os cortes devem ser rotulados com números de identificação ao longo de toda a cadeia, ou seja, do matadouro à desossa/embalagem, e dessa ao ponto final de venda (Felício, 2001). Esse mesmo pesquisador relatou um caso de empresa de produtos carneos alemã que afirmou que a rastreabilidade compensa porque permite controlar a qualidade de seus produtos com segurança e oferece aos clientes a possibilidade de obterem respostas, sobre o histórico dos animais e da carne processada, num prazo de cinco minutos. O sistema implantado pela referida empresa custou US\$43 mil em equipamento e programas e demonstrou suas vantagens em 1996, quando houve uma queda de 20% nas vendas de carne bovina em toda a Alemanha e a empresa em questão acusou um declínio de apenas 6 a 7% nas vendas.

A exigência da rastreabilidade da carne por parte da Comunidade Européia trouxe uma grande inquietação aos países exportadores e em especial ao Brasil devido ao tamanho do rebanho, às condições de criação do gado, à extensão do território brasileiro e à falta de utilização da tecnologia por parte da grande maioria de produtores ainda não acostumados com o uso da informática ou da gerência e controle integrados ao dia-a-dia de suas atividades Lopes et al., (2007).

Visando atender a exigência da rastreabilidade da carne por parte da Comunidade Européia o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicou a Instrução

Normativa no 1, de 9 de janeiro de 2002 (BRASIL, 2002), a qual instituiu o Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (SISBOV) e, em de 13 de julho de 2006, publicou a Instrução Normativa Nº 17 a qual estabelece a norma operacional do SISBOV, alterando o nome para Serviço de Rastreabilidade da cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (BRASIL, 2006). O novo SISBOV estabelece uma série de procedimentos e controles para a identificação dos animais.

A rastreabilidade na bovinocultura foi tema de centenas de reportagens e matérias veiculadas na web, na mídia televisiva, em jornais e revistas técnicas nos últimos anos. Algumas poucas produções científicas foram publicadas (MACHADO e NANTES, 2000; ROCHA e LOPES, 2002; REZENDE e LOPES, 2004; ROLIM e LOPES, 2005; LOPES et al., 2007; LOPES e SANTOS, 2007; LOPES et al., 2008), abordando diferentes aspectos e implicações da rastreabilidade. No entanto, estes autores não abordaram as dificuldades encontradas pelos frigoríficos na implantação da rastreabilidade. Na implantação do SISBOV, por ser ainda um Sistema recente, tanto os pecuaristas, as certificadoras, bem como os frigoríficos ainda vivenciam algumas dificuldades.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo realizar o levantamento das principais dificuldades encontradas pelos frigoríficos no contexto de abaterem animais rastreados. Especificamente pretendeu-se ainda: verificar se os frigoríficos recebem

auditorias dos órgãos competentes; promovem algum tipo de divulgação da rastreabilidade; se o preço cobrado pela arroba rastreada aumentou, diminuiu ou se manteve igual aos preços praticados no início de trabalho do mesmo; conhecer se os pecuaristas tem dificuldades em apresentar algum documento exigido e qual o grande entrave para a rastreabilidade bovina no Brasil. Espera-se que com o levantamento das dificuldades enfrentadas por este importante seguimento do agronegócio carne, seja possível sugerir propostas para sanar tais dificuldades.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Formulou-se um questionário qualitativo semi-estruturado contendo 16 questões, sendo 14 de múltipla escolha e uma aberta, visando levantar as principais dificuldades encontradas pelos frigoríficos que são credenciadas pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC). Este questionário foi encaminhado aos 15 frigoríficos, através do endereço eletrônico, cuja relação foi obtida no site www.brazilianbeef.org.br. Dos 15 frigoríficos exportadores 100% possuíam *e-mail*. Destes nenhum respondeu ao questionário que lhe foi encaminhado. Por não ter respondido o questionário encaminhado via *e-mail*, este foi encaminhado por correio convencional. Uma correspondência retornou devido o endereço não encontrado. Obtve-se então

quatro respostas, correspondente a 27% dos frigoríficos.

Na formulação das primeiras perguntas buscou-se saber qual a quantidade e os tipos de animais são abatidos e o tempo de existência do frigorífico. As perguntas seguintes tiveram a intenção de saber se as empresas recebem auditorias, a origem e destino dos animais. Perguntou-se ainda, se os pecuaristas apresentam com facilidade a documentação exigida pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Por fim, foram feitas perguntas referentes a vantagens, dificuldades e reclamações feitas pelos pecuaristas. A última pergunta foi destinada a sugestões para tornar a rastreabilidade um grande feito no Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os frigoríficos que abatem apenas bovinos representou 50% dos entrevistados; já os que abatem bovinos e outros animais, tais como ovinos e bubalinos, somam 25%, a mesma quantidade de frigoríficos que abatem apenas suínos. A grande maioria das empresas frigoríficas, abatem mais de 800 bovinos por dia (75%) e os outros 25% abatem de 600 a 800 animais/dia.

A pesquisa revelou que nem todos os frigoríficos abatem somente animais rastreados. Entre os entrevistados, 50% abatem somente animais não rastreados, 25% abatem apenas bovinos rastreados e 25% responderam que quantidade de animais rastreados que são abatidos vai depender do dia de abate, provavelmente, devido a demanda por animais rastreados do mercado. Todos os frigoríficos que participaram da pesquisa, responderam que atuam na atividade de 36 a 48 meses, indicando que estão no mercado desde a implantação do SISBOV, em 2002.

Os órgãos de fiscalização tem auditado os frigoríficos com frequência superior a 2,5 auditorias por ano, de acordo com 75% dos frigoríficos; 25% recebem auditorias anualmente. Considerando que existe abate diários, 2,5 auditorias anuais possibilita fraudes em vários procedimentos de abate e a situação é ainda pior quando essas auditorias passam a ser anuais, demonstrando que existe uma falha por parte dos órgãos competentes para com a fiscalização dos frigoríficos, no que refere as normas exigidas pelo SISBOV.

A procedência dos animais para serem abatidos são do mesmo Estado onde está instalado o frigorífico para 75% dos entrevistados e 25% de outros Estados, dependendo da oferta. Todos os entrevistados (100%) tem como destino das carcaças abatidas o mercado externo e interno, mostrando que no Brasil também existe espaço para o produto rastreado. Apenas 25% dos frigoríficos não acreditam que no Brasil existe mercado consumidor para a carne rastreada.

Para 75% das empresas frigoríficas o preço pago pela arroba rastreada é maior do que a não rastreada em média R\$3,17, contradizendo o que tem falado a mídia e alguns produtores, que afirmam

receberem em média R\$1,40 e para 25% dos participantes da pesquisa o valor é o mesmo, estando estes abaixo dos dados encontrados por LOPES et al. (2007) de R\$2,10. O resultado apontado na pesquisa demonstra que todos frigoríficos poderiam pagar um diferencial pelo animal rastreado, tornando assim um atrativo a mais para que os pecuaristas possam aderir ao SISBOV.

Quando perguntado quais eram as vantagens de abater animais rastreados, a principal resposta foi a garantia de mercado consumidor (100%), exigência do consumidor internacional (75%) e mercado promissor (25%), como pode ser observado na Tabela 1. Percebe-se que os frigoríficos têm como principal preocupação a garantia de mercado e exigência do consumidor internacional, já a questão de melhor qualidade da carne, não tem recebido a devida atenção por parte deste seguimento da cadeia de carne bovina, uma vez que nenhum considera isto como vantagens.

Tabela 1: Vantagens para abater bovinos rastreados

Vantagens	Frequência (%)
Garantia de mercado	100
Exigência do consumidor internacional	75
Mercado promissor	25
Melhor remuneração dos consumidores	0
Melhor qualidade da carne bovina	0

Quando perguntado sobre as desvantagens em abater bovinos rastreados, houve uma grande distribuição das respostas, 75% responderam ser as burocracias por parte do governo a principal desvantagem, a mesma porcentagem de frigoríficos consideram que a rastreabilidade não ocorre corretamente, já 50% apontam para a discórdia entre pecuaristas e frigoríficos e apenas 25% encontram dificuldades na compra de animais rastreados.

Uma vez que 75% dos frigoríficos consideram a burocracia existente com relação ao SISBOV uma desvantagem ao abater bovinos rastreados, foi perguntado o que eles acham das normas vigentes no país sobre rastreabilidade, sendo que 50% consideram ruins e que não foram feitas para um país como o Brasil, 25% responderam que são ruins e que quem elaborou não tem experiência de campo e 25% afirmam ser boas, mais que podem ser melhoradas. Tais resultados evidenciam a insatisfação da classe frigorífica quanto a normatização vigente no Brasil sobre a rastreabilidade. Uma possível solução seria discutir com os representantes da classe sugestões e opiniões para tentar erradicar o problema.

Com relação a documentação que os pecuarista tem que apresentar aos frigoríficos, 75% disseram não haver problemas para receber estes documentos dos pecuaristas, enquanto que 25% apontaram problemas para recebimento do DIA (documento de identificação animal), o principal

documento não apresentado aos frigoríficos por parte dos pecuaristas.

A rastreabilidade bovina ainda está em seu início aqui no Brasil, mais muitos são os entraves citados pelos frigoríficos para que este fato se alavanque no país. Tais fatos podem ser vistos na tabela 2. Percebe-se que o principal entrave é a desconfiança do pecuarista. Assim se faz necessário campanhas de esclarecimento por parte dos órgãos competentes para que fique claro o papel de cada seguimento dentro da cadeia, seja por meio de cartilhas, divulgação na mídia, entre outros meios de divulgação, para que assim o pecuarista possa se sentir mais seguro e veja a rastreabilidade como um investimento, não apenas no que diz respeito à gestão de sistemas de produção, mas também como retorno financeiro direto, recuperando os investimentos e as despesas adicionais originárias e com a implementação do sistema (LOPES et al., 2007). O segundo maior entrave depende única e exclusivamente do governo, basta agora saber o porquê o governo não dá o devido incentivo.

Tabela 2: Principais entraves para que a rastreabilidade torne um grande feito no Brasil

Entraves	Frequência (%)
Desconfiança dos pecuaristas	75
Falta de incentivo do governo	50
Custo da carne rastreada	25
Não importância dos consumidores nacionais	0

Por fim, foi dada a oportunidade para que os entrevistados apontassem as principais dificuldades encontradas e emitissem opiniões, para solucionar as dificuldades encontradas. Foram então citadas: falta de acesso ao produtor ao banco de dados do SISBOV; baixa remuneração dos técnicos; mal relacionamento entre certificadoras; falta de retorno ao produtor; falta de inspeção veterinária; falta de vistoria das certificadoras as fazendas. Foi sugerido a obrigatoriedade de que todos os animais sejam rastreados; criar um sistema mais simples de identificação, com menos burocracia; facilitar o procedimento para o pecuarista; criar normas a partir de reuniões com pecuarista, certificadoras e frigoríficos.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais dificuldades encontradas pelos frigoríficos para abaterem bovinos rastreados têm sido a burocracia que envolve o SISBOV e a incorreta

rastreabilidade que vem ocorrendo no país e como vantagens eles apontam a garantia de mercado e a existência de mercado promissor.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, F. Q. **Rastreabilidade nas cadeias produtivas de suínos e aves: Impacto sobre a produção e garantia de mercado.** In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 40, Anais... 2003. Piracicaba, 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº 17** de 03 de julho de 2006. Publicado no D. O. U em 14/07/2006. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº. 1** de 9 de janeiro de 2002. Publicado no D.O.U. em 10/01/2002, seção 1, p. 6. Brasília, DF, 2002.

FELÍCIO, P. E. **Rastreabilidade aplicada a carne bovina.** In: ANAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 38°. Piracicaba, 2001. Anais... Piracicaba, 2001.

LOPES, M. A. et. al. **Principais dificuldades encontradas peos pecuaristas na implantação da rastreabilidade de bovinos.** Ciência Animal Brasileira, Goiânia, v. 8, nº 3, p. 515 – 520, 2007. disponível em:

<http://revistas.ufg.br/index.php/vet/article/view/1715/1687>. Acesso: 18/09/2007.

LOPES, M. A., SANTOS, G. dos, AMADO, G. B., CARDOSO, M.G. **Principais dificuldades encontradas pelos pecuaristas na implantação da rastreabilidade de bovinos.** Ciência Animal Brasileira. v.8, n.3, p.515-520, 2007.

LOPES, M. A., SANTOS, G. dos, AMADO, G. B., CARDOSO, M.G. **Principais dificuldades encontradas pelos pecuaristas na implantação da rastreabilidade de bovinos.** Ciência Animal Brasileira. v.8, n.3, p.515-520, 2007.

LOPES, M.A, SANTOS, G. dos, AMADO, G. B. **Viabilidade econômica da adoção e implantação da rastreabilidade em sistemas de produção de bovinos no Estado de Minas Gerais.** Ciência e Agrotecnologia. v.32, n.1, p.288-294. 2008.

LOPES, M.A, SANTOS, G. dos. **Principais dificuldades encontradas pelas certificadoras para rastrear bovinos.** Ciência e Agrotecnologia. v.31, n.5, p.1552-1557, 2007.

RESENDE, E. H. S. LOPES, M. A. **Identificação, certificação e rastreabilidade na cadeia da carne bovina e bubalina no Brasil.** Lavras: UFLA. 2004. 39p. (Boletim Agropecuário, 58).

ROCHA, J. L. P., LOPES, M.A. **Rastreabilidade e certificação da produção da carne bovina: um comparativo entre alguns sistemas.** Revista Brasileira de Agroinformática. v.4, n. 2, p.130-146. 2002.

ROLIM, F. J., LOPES, M.A. **Comparativo entre certificadoras de rastreabilidade bovina e bubalina**

oficialmente credenciadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Ciência e Agrotecnologia. v.29, n.5, p.1052-1060. 2005.

SCHAEFFER, E.; CAUGANT, M. **Traçabilité guide pratique pour l'agriculture e l'industrie alimentaire.** ACTA-ACTIA, 1998.

SISTEMA Integrado de **Rastreabilidade Bovina.** Disponível em: <http://www.sirb.com.br/pg_rastreabilidade.php>. Acesso em: 12 jun. 2002.

SISTEMA Integrado de **Rastreabilidade Bovina.** Disponível em: <http://www.sirb.com.br/pg_rastreabilidade.php>. Acesso em: 12 jun. 2002.